

A riqueza que prende

Nunca será demais recordar as palavras de Carlos Liebknecht a um jornalista norte-americano:

«Sim, pode dizer-se que fomos cobardes; não se esqueça de que os democratas sociais alemães possuem pelo menos vinte milhões de marcos em propriedades. Possuem máquinas tipográficas, salas de reuniões, teatros e mais... Os socialistas alemães não querem talvez arriscar tudo isso...»

E não faltava quem lhes gabasse essa «força», dando-os a nós como exemplo...

Os neo-civilisadores

Discutindo com Mazzini a forma de «civilizar a Ásia», escrevia Bakunine:

«O que sempre faltou na Ásia, aquilo cuja ausência completa constitui propriamente a brutalidade asiática, é o respeito humano. A vida do homem, a sua dignidade, a sua liberdade, isso nada vale. Tudo é inexoravelmente esmagado no sangue e no lodo em nome de Deus, pelas castas, pelo princípio de autoridade, pelo Estado.»

Que diria ele se visse a «Democracia» dar à China e ao Japão o encargo de «civilizarem» a Rússia?...

Talvez repetisse o que diz noutro ponto da mesma polémica:

«O que neste mundo se chama civilização não passa de pura barbaria, apenas requintada, apenas aperfeiçoada no sentido da organização das forças destrutivas e brutais, e não no da sua humanização. Neste sentido, civilização significa exploração, servitude, escravatura, se não extermínio.»

A isto chegaram

É curioso ler o órgão social-patriota *La libre Fédération*, cuja doutrina tem por base a «defesa nacional».

Combate numa página a ditadura bolchevique com argumentos libertários, reproduzindo um belo artigo de Lefrançais; e mais adiante insere um escrito dum social-democrata, lamentando que a ditadura de Kerénski não tenha sido bastante enérgica contra os maximalistas...

E à nova fase da revolução russa

chamam eles «reação». É por isso decerto que os japoneses, os chineses e os aliados correm a esmagá-la...

Que tristeza!

Criai Comunas, proletários!

É o fervoroso conselho dado por um sincero e activo camarada, no *Rebelde*, de Beja. Criai, isto é, «tirai do nada» — é o caso, na verdade.

Limitamo-nos a um modesto reparo. O camarada em questão chama «comunas» a uma espécie de cooperativas, que até aqui se designavam com o nome já bastante usado de «colónias comunistas», «meios livres», etc.; e chama «comunistas» aos membros ou cooperadores desses ensaios.

¿E os que se dizem comunistas por serem adeptos do comunismo sem que o sejam dessas tentativas? ¿Os que entendem precisamente que essas coisas tem pouco que ver com o comunismo? Havemos, pois, de lhes chamar... anticomunistas?...

Liberdades helvéticas

Recebemos uma folha solta assinada pela Federação dos Sindicatos operários de Genebra», protestando contra a arbitrariedade sofrida pelo estimado camarada Luís Bertóni, que se achava preso desde 22 de Maio sem culpa formada, sem acusações definidas, sem possibilidade de se defender. Não lhe permitiam sequer a leitura, nem receber comida de fora. Dizia um diário que Bertóni era acusado de manter relações com uns 20 operários italianos presos em Zurico, como detentores de explosivos, segundo a versão do mesmo jornal. Mas esses mesmos vinte presos de Zurico não sabiam tampouco, oficialmente, do que eram acusados.

Uma camarada fôra igualmente presa. A imprensa, informada pela polícia, afirmara conscienciosamente que sobre ela «pesavam as mais graves acusações». E afinal tinham-na pôsto na rua por falta de motivo para proceder...

O mesmo terão feito ou farão com os outros, mas entretanto... Na Suíça é como... no resto do mundo.